

FMLF
BIBLIOTECA
Jornal *A Tarde*
Data *14/04/05*
Caderno *Local* Página *4*
Seção
Assunto *Bairro*

Foto: Fernando Amorim



Tarde
14/04/05

Bairro

Originário de um loteamento desordenado, o bairro enfrenta até hoje uma série de problemas de infraestrutura básica

Sobram problemas na Baixa de Santo Antônio

NOSSO BAIRRO



CONTRASTE
O bairro fica próximo a uma das áreas nobres de Salvador

RITA CONRADO

Próxima de um dos mais importantes centros comerciais de Salvador – área do Iguatemi e adjacências – a Baixa de Santo Antônio permanece longe das benfeitorias comuns a uma grande cidade. Serviços básicos, como postos de saúde e farmácias, inexistem em um local onde a segurança passou a ser responsabilidade dos moradores, as linhas de transporte coletivo passam a cerca de, no mínimo, dois quilômetros de distância, os pontos de iluminação pública são raros, os estudantes deslocam-se para escolas de outros bairros, as creches foram extintas e os comerciantes sobrevivem na disputa de uma

clientela de baixa renda, que comumente recorre ao expediente da compra “fiado”.

Este seria um retrato mal-acabado do local. Mais detalhes levariam a uma visão ainda mais degradante. Sem dispor de redes de esgotamento sanitário, os moradores são obrigados a pagar por serviços de limpeza numa vala que eles próprios construíram e que os tem livrado de ter a casa inundada pelas águas podres nos períodos de chuva. Mas, se conseguem evitar a invasão do esgoto a seus lares, não encontraram ainda uma maneira de se livrar de mosquitos, muriçocas, mau-cheiro e muitos ratos.

“Quando alguém resolve colocar veneno, a gente tem que ter coragem de sair de casa no dia seguinte, tamanha a quantidade de ratos mortos no meio da rua”, conta a moradora Josefa Cruz, que vive no local há 26 anos. “E esta área ainda está bonitinha, pior situação é a de quem mora lá atrás”, diz ela, referindo-se a um trecho que fica no fundo da Baixa Fria – outra parte do bairro –, onde o mato e o lixo tomam conta do local e os esgotos correm a céu aberto, sem as pequenas melhorias feitas pelos moradores para que sejam um incômodo menor.

“Aqui temos de pagar R\$ 10 por dia para o rapaz tirar a areia de dentro da vala”, conta o morador Manoel dos Reis. “O que se tira serve de aterro para outra rua do bairro, sem pavimentação e cheia de buracos”, explicou. Misturada aos dejetos oriundos das residências que ficam na parte alta da Baixinha do Santo Antônio, a lama retirada contém todo tipo de agentes contaminadores prejudiciais à saúde, mas isso, naquele local, não pode ser levado em conta. “Esta lama fica mesmo por aqui, onde as crianças têm que brincar, a maioria descalças. Deus tem pena, por isso não ficam doente”, acredita Manoel.

A confiança em Deus é, para os moradores do bairro, o único recurso diante de emergências. Mesmo na parte alta e mais urbanizada, as dificuldades são grandes na obtenção de serviços simples. “Aqui falta tudo”, resume o vice-presidente da Associação de Moradores da Baixa de Santo Antônio, Redivaldo Alves Santana, que, apesar de perceber os obstáculos para se viver uma vida digna, revela gostar muito do lugar. “O ambiente é bom”, diz ele, referindo-se, afirma, à tranquilidade e à solidariedade entre os moradores.

“Só estamos esquecidos pe-



Conservando ares rurais, moradores transportam as compras para casa em carrinho de mão

los poderes públicos, políticos e todo o resto”, acrescenta, ressaltando que, de alguns serviços, já nem sentem falta. Isto porque eles mesmos, juntos, decidiram mudar uma situação que já beirava o absurdo. “Há 10 anos, crianças de 12 anos andavam

com arma na cintura. Os bandidos fechavam as ruas e as pessoas tinham que aceitar”, conta o diretor da associação, Cal José. Segundo ele, isto mudou.

“Nós mesmos resolvemos expulsar os desordeiros daqui. Bagunçou vai embora”, diz ele,

atribuindo o “sucesso” da iniciativa aos constantes linchamentos promovidos na área. “Aqui era tão violento que a polícia só entrava em comboio. Hoje, está uma beleza. Em compensação, a polícia não aparece aqui”, comentou.

Fazenda originou o bairro



A Baixinha de Santo Antônio é composta por um sem-número de pequenos lotes vendidos pelo proprietário da Fazenda São Bonifácio, que a diretoria da Associação de Moradores não conhece os limites e, naquele momento, quem

ONDE FICA



Distância e escuridão

Burricos e carros de mão são meios encontrados pelos moradores da Baixinha de Santo Antônio para enfrentar as grandes distâncias sem carregar compras feitas nos supermercados de bairros próximos ou qualquer outro tipo de pacote que represente peso ou desconforto. Uma simples cadeira é outro recurso utilizado para carre-

Originário de um loteamento desordenado, o bairro enfrenta até hoje uma série de problemas de infraestrutura básica



Sobram problemas na Baixa de Santo Antônio

NOSSO BAIRRO



CONTRASTE
O bairro fica próximo a uma das áreas nobres de Salvador

RITA CONRADO

Próxima de um dos mais importantes centros comerciais de Salvador – área do Iguatemi e adjacências – a Baixa de Santo Antônio permanece longe das benfeitorias comuns a uma grande cidade. Serviços básicos, como postos de saúde e farmácias, inexistem em um local onde a segurança passou a ser responsabilidade dos moradores, as linhas de transporte coletivo passam a cerca de, no mínimo, dois quilômetros de distância, os pontos de iluminação pública são raros, os estudantes deslocam-se para escolas de outros bairros, as creches foram extintas e os comerciantes sobrevivem na disputa de uma

clientela de baixa renda, que comumente recorre ao expediente da compra “fiado”.

Este seria um retrato mal-acabado do local. Mais detalhes levariam a uma visão ainda mais degradante. Sem dispor de redes de esgotamento sanitário, os moradores são obrigados a pagar por serviços de limpeza numa vala que eles próprios construíram e que os tem livrado de ter a casa inundada pelas águas podres nos períodos de chuva. Mas, se conseguem evitar a invasão do esgoto a seus lares, não encontraram ainda uma maneira de se livrar de mosquitos, muriçocas, mau-cheiro e muitos ratos.

“Quando alguém resolve colocar veneno, a gente tem que ter coragem de sair de casa no dia seguinte, tamanha a quantidade de ratos mortos no meio da rua”, conta a moradora Josefa Cruz, que vive no local há 26 anos. “E esta área ainda está bonitinha, pior situação é a de quem mora lá atrás”, diz ela, referindo-se a um trecho que fica no fundo da Baixa Fria – outra parte do bairro –, onde o mato e o lixo tomam conta do local e os esgotos correm a céu aberto, sem as pequenas melhorias feitas pelos moradores para que sejam um incômodo menor.

“Aqui temos de pagar R\$ 10 por dia para o rapaz tirar a areia de dentro da vala”, conta o morador Manoel dos Reis. “O que se tira serve de aterro para outra rua do bairro, sem pavimentação e cheia de buracos”, explicou. Misturada aos dejetos oriundos das residências que ficam na parte alta da Baixinha do Santo Antônio, a lama retirada contém todo tipo de agentes contaminadores prejudiciais à saúde, mas isso, naquele local, não pode ser levado em conta. “Esta lama fica mesmo por aqui, onde as crianças têm que brincar, a maioria descalças. Deus tem pena, por isso não ficam doente”, acredita Manoel.

A confiança em Deus é, para os moradores do bairro, o único recurso diante de emergências. Mesmo na parte alta e mais urbanizada, as dificuldades são grandes na obtenção de serviços simples. “Aqui falta tudo”, resume o vice-presidente da Associação de Moradores da Baixa de Santo Antônio, Redivaldo Alves Santana, que, apesar de perceber os obstáculos para se viver uma vida digna, revela gostar muito do lugar. “O ambiente é bom”, diz ele, referindo-se, afirma, à tranquilidade e à solidariedade entre os moradores.

“Só estamos esquecidos pe-



Conservando ares rurais, moradores transportam as compras para casa em carrinho de mão

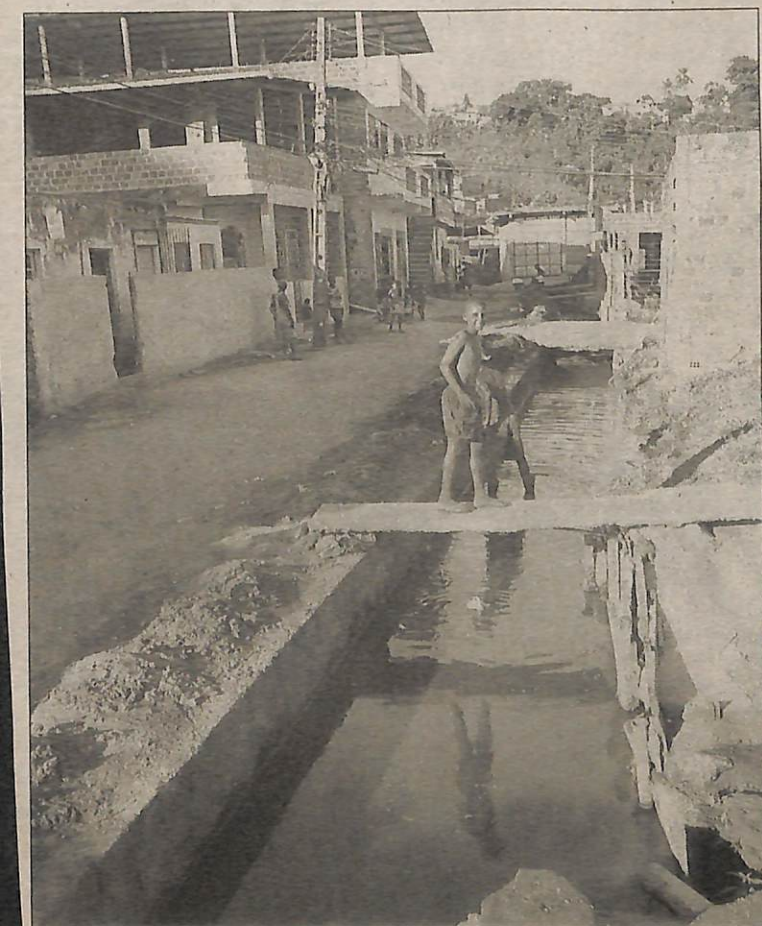
los poderes públicos, políticos e todo o resto”, acrescenta, ressaltando que, de alguns serviços, já nem sentem falta. Isto porque eles mesmos, juntos, decidiram mudar uma situação que já beirava o absurdo. “Há 10 anos, crianças de 12 anos andavam

com arma na cintura. Os bandidos fechavam as ruas e as pessoas tinham que aceitar”, conta o diretor da associação, Cal José. Segundo ele, isto mudou.

“Nós mesmos resolvemos expulsar os desordeiros daqui. Bagunçou vai embora”, diz ele,

atribuindo o “sucesso” da iniciativa aos constantes linchamentos promovidos na área. “Aqui era tão violento que a polícia só entrava em comboio. Hoje, está uma beleza. Em compensação, a polícia não aparece aqui”, comentou.

Fazenda originou o bairro



O duplo risco do esgoto aberto: acidentes e contaminação

A Baixinha de Santo Antônio é composta por um sem-número de pequenos lotes vendidos pelo proprietário da Fazenda São Bonifácio, que a diretoria da Associação de Moradores não conhece os limites e, naquele momento, quem poderia dar este esclarecimento – o responsável pela cobrança das prestações, que mantém um estabelecimento com esta função no local – estava afastado por conta de um problema de saúde. O fato é que a fazenda, apesar de loteada, permanece com uma estrutura de área rural.

“Como no interior do Estado, andamos quilômetros para pegar um ônibus”, diz Balbina Ramos, de 37 anos, que diversas vezes teve de sair de casa quatro horas da madrugada para marcar consultas em postos de saúde do bairro do Saboeiro ou da Rodoviária Velha. “Por aqui não tem”, explicou. Não tem postos de saúde, não tem escolas, não tem creches. Estes são alguns dos anseios dos

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE

dirigentes da Associação de Moradores, que já disponibilizou cursos, creches e até alimentação para a comunidade.

“Foi tudo por água abaixo depois que uma deputada fez um monte de promessas que não cumpriu. O nosso sonho é ter, pelo menos, a creche de volta. Isso seria a saída para mães que precisam trabalhar,

mas não têm com quem deixar os filhos”, diz o vice-presidente da entidade, que sonha um pouco mais alto. “Quem sabe, um dia a gente possa dar cursos profissionalizantes, como aqueles em que os jovens fabricam instrumentos”, diz. “Essa seria uma maneira de tirar essa garotada da rua, livrando das drogas, que já toma conta de tudo”, avalia.

Distância e escuridão

Burricos e carros de mão são meios encontrados pelos moradores da Baixinha de Santo Antônio para enfrentar as grandes distâncias sem carregar compras feitas nos supermercados de bairros próximos ou qualquer outro tipo de pacote que represente peso ou desconforto. Uma simples cadeira é outro recurso utilizado para carregar pessoas em situação de emergência. “Quando alguém passa mal, principalmente à noite, tem que subir a ladeira em uma cadeira. Qual o motorista de táxi que vem por aqui?”, pergunta Cal José. Mesmo para jovens em condições de enfrentar distâncias a pé, um outro problema vira obstáculo a uma caminhada tranquila. É o caso de Mirian Ferreira Cruz, de 17 anos, que estuda à noite no Colégio Alberto Valença, em São Gonçalo do Retiro. “Vou com medo, mas não tem outro jeito de chegar lá”, diz ela.

Apesar dos problemas, um fim de tarde na Baixinha de Santo Antônio parece agradável aos moradores, boa parte deles sentada na porta de casa, outros tomando uma cervejinha no bar mais próximo, mais alguns reunidos diante do dominó, do aparelho de som colocado na rua ou num simples bate-papo.